A luta pelo Mediterrâneo

Luiz Alberto Moniz Bandeira*

Heidelberg – Não resta a menor dúvida de que militares das forças especiais dos Estados Unidos, Inglaterra e França, vestidos como árabes, os *false-flaggers*, i. e., um "*illegal team*", com identidade de outros países, participam da guerra na Líbia e, possivelmente, agentes da CIA e do M16 (Reino Unido) também estão a atuar na Síria, alimentando os protestos contra o regime de Bashar al-Assad. É muito pouco provável que essas manifestações, iniciadas em 26 de janeiro, ainda continuem e enfrentem, diariamente, sangrenta repressão, oito meses após, sem receber algum encorajamento dos Estados Unidos, Inglaterra e França. Despacho secreto da Embaixada dos Estados Unidos em Damasco, revelado pelo WikiLeak, informou que, de 2005 até setembro de 2010, os Estados Unidos, com os recursos do *Middle East Partnership Initiative* (MEPI), haviam destinado secretamente aos grupos da oposição, na Síria, cerca de US$ 12 milhões, e financiado a instalação de um canal de TV via satélite, transmitindo para dentro do país programas contra o regime de Bashar al-Assad.

Os interesses os Estados Unidos, assim como do Reino Unido e da França, não são apenas econômicos, como a posse dos campos de petróleo e os negócios estimados cerca de US$ 200 bilhões que a queda do regime de Muammar al-Gaddafi na Líbia vai proporcionar-lhes. Há interesses estratégicos, que se evidenciam ainda mais na Síria, onde produção de petróleo é pequena, da ordem de 530.000 barris p.d. O Mediterrâneo constitui importante região geopolítica e os Estados Unidos e demais potências ocidentais querem assumir seu controle e isolar politicamente o Irã, aliado da Síria, bem como restringir a influência da Rússia e da China no Oriente Médio. A Rússia, desde 1971, opera o porto de Tartus, na Síria, e projeta reformá-lo e ampliá-lo, como base naval, em 2012, de modo que possa receber grandes navios de guerra, garantindo sua presença no Mediterrâneo. Consta que a Rússia também planeja instalar bases navais na

Líbia e no Yemen. E o financiamento da oposição, na Síria, desde 2005, visou desestabilizar e derrubar do regime de Bashar al-Assad, que representa um obstáculo, a fim de impedir o aprofundamento, no âmbito naval, de suas relações com a Rússia.

O objetivo de controlar o Mediterrâneo Washington e Madri manifestaram abertamente com o acordo, anunciado em 5 de outubro, pelo qual a base naval de Rota (Cádiz), na Espanha, deverá albergar quatro destróieres, equipados com antimísseis (BMD) da Marinha dos Estados Unidos e operados por 1.100 militares e 100 civis, como um sistema de defesa da OTAN, a pretexto de prevenir ataques de mísseis balísticos do Irã e da Coréia do Norte, e será acompanhado por outros sistemas, na Romênia, Polônia e Turquia. E daí que certamente agentes das potências ocidentais estão a explorar e fomentar as contradições políticas e religiosas na Síria, cuja maioria da população é salafista, uma das correntes fundamentalistas do Islã, que pretende restabelecer os primitivos princípios religiosos do Corão. É similar ao wahhabismo, doutrina defendida por Muhammad ibn Abd-al-Wahhab e prevalecente, na Arábia Saudita. Bashar al-Assad, porém, é alauita, outro segmento do Islã, que dissimula sua doutrina com a taqiyya, prática xiita, seita islâmica dominante no Irã e da qual mais se aproxima. Porém os alauitas constituem apenas 10% da população, embora dominem e controlem todo o aparelho do Estado há várias décadas, desde os anos 1970, quando Hafez al-Assad, do Partido Ba'ath, assumiu o governo do país.

Os aliados ocidentais sabem que não podem aplicar à Síria a mesma estratégia da Líbia, através da OTAN, extrapolando, criminosamente, a resolução do Conselho de Segurança da ONU. O apoio à sublevação na Siria e o sistema antimísseis, implantado a partir da Espanha, indicam que o alvo é realmente a Rússia, ainda percebida pelos Estados Unidos como seu grande rival, razão pela qual Moscou e Beijing vetaram a resolução do Conselho de Segurança contra o regime de Bashar al-Assad. Sua derrubada, após a de Muammar al-Gaddafi, completaria o controle do Mediterrâneo... se os fundamentalistas e jihadistas islâmicos não capturarem os governos na Síria e na Líbia.

* **LUIZ ALBERTO MONIZ BANDEIRA é** Cientista político, historiador e professor titular (aposentado) da Universidade de Brasília